
Cartografia dos fluxos de informação de Imperatriz-MA¹

Thays Assunção REIS²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar os fluxos de informação das empresas dedicadas ao jornalismo na cidade média de Imperatriz, no Maranhão. A partir de dados repassados pelo setor comercial do jornal impresso, das emissoras de rádio e televisão da cidade cartografamos a direção e o alcance espacial da produção imperatrizense. Observamos que os fluxos informativos sustentam a condição regional do jornalismo praticado na cidade por formarem uma área de alcance que ultrapassa os limites do município e do próprio estado. Eles se espalham especialmente pelas regiões central, sudoeste e sul do Maranhão, extremo norte do Tocantins (na chamada região do Bico do Papagaio) e sudeste do Pará.

Palavras-Chave: Cidades Médias; Fluxos Informativos; Imperatriz; Maranhão.

Introdução

O mapa do Brasil tem ganhado novos contornos nas últimas décadas. Se antes o desenho do país apresentava as metrópoles e capitais estaduais como os principais espaços de referência, hoje há um deslocamento dos fluxos populacionais e econômicos para as cidades médias. Devido a isso, estes espaços acabam estabelecendo uma nova dinâmica socioespacial e econômica fora dos espaços metropolitanos, o que desperta o interesse tanto de intuições de pesquisa (IBGE e Ipea), como de diversas áreas de conhecimento.

A Geografia se dedica a estudar as cidades médias há pelo menos quatro décadas. As investigações buscam elementos, além do demográfico, para apreender a particularidade das localidades qualificadas como médias. Dentre esses critérios, os papéis regionais surgem nas pesquisas como um dos principais atributos das cidades de porte médio. Elas são pensadas como “centros regionais”, capazes de atender com bens e

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ). Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: thays.jornalista@gmail.com.

serviços os moradores locais, como aqueles provenientes de povoados e cidades menores. Esta função, tão amplamente discutida pelos geógrafos, nos motiva a investigar como ela pode ser pensada pelo campo da Comunicação. Assim, realizamos uma pesquisa, pertencente a tese de doutoramento da autora, que envolve a compreensão da função de centro regional de notícias pela cidade média de Imperatriz, no Maranhão. Para isso, uma das etapas empreendidas, e aqui abordadas neste artigo, é o mapeamento dos fluxos de informação das empresas jornalísticas de Imperatriz. As informações cartografadas foram disponibilizadas pelos setores comerciais do jornal impresso em funcionamento na cidade, as oito rádios locais e as cinco emissoras de televisão.

Cidades Médias e sua inserção na rede urbana

As cidades médias ganham destaque no sistema urbano brasileiro graças ao desenvolvimento das primeiras políticas públicas interessadas em promovê-las à centros estratégicos nacionais. Estamos nos referindo ao II Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (II PND), lançado em 1975 pelo governo militar com objetivo de reduzir as desigualdades regionais, conter o fluxo migratório na direção de grandes cidades e metrópoles (em especial as localizadas no Sudeste), e incentivar a criação de novos polos de desenvolvimento em regiões periféricas (FILHO; SERRA, 2001; SOARES; MELO, 2010).

Além de objeto das políticas públicas, as cidades médias brasileiras nos anos 1970 passam a ser alvo de estudos acadêmicos interessados em pesquisar seus papéis urbanos e regionais. Nesse momento, o tamanho populacional era o critério mais aplicado para definir uma cidade como média. Andrade e Lodder (1979, p.35), por exemplo, classificaram as cidades médias como “centros e aglomerações urbanas com população entre 50 mil e 250 mil habitantes”. Santos (1993), por sua vez, definiu o limite inferior para as cidades médias em 100 mil habitantes, usando como argumentos a expansão e diversificação do consumo, a elevação dos níveis de renda, a difusão dos transportes modernos e a complexidade da divisão do trabalho.

Andrade e Serra (2001), considerando o contexto mais recente do Brasil, adotaram duas classes de tamanhos para identificar as cidades médias: de 50 a 500 mil habitantes e de 50 a 250 mil habitantes. Já Castello Branco (2007) definiu as cidades médias como aquelas inseridas em uma faixa de população entre 100 mil e 350 mil habitantes. Acrescente-se ainda a classificação do Instituto Brasileiro de Geografias e Estatística

(IBGE) que considera as cidades médias como unidades urbanas com população entre 100 e 500 mil habitantes.

Mesmo com essa variedade de posicionamentos demográficos, as autoras Araújo, Moura e Dias (2011, p.63) defendem que nas últimas décadas, vêm sendo consideradas médias as cidades entre 100 mil e 500 mil habitantes, com exceção das localizadas nas “regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, nas quais, devido às características do sistema urbano-regional, municípios com população de 50 mil a 100 mil habitantes também desempenham a função de cidades médias”.

Os avanços nos estudos sobre as cidades médias demonstraram que o critério demográfico (embora cômodo e não-negligenciável) era insuficiente para definir uma cidade como média, pois esse é capaz de identificar apenas o grupo ou a faixa que pode conter as cidades médias (AMORIM FILHO; SERRA, 2001). Para superar tais obstáculos na conceituação das cidades médias, Corrêa (2007) propõe que seja desenvolvida uma específica combinação entre o tamanho demográfico, as funções urbanas e a organização do espaço intra-urbano. Ele ainda aponta três elementos essenciais na determinação dessas cidades: a presença de uma elite empreendedora, a localização relativa e as interações espaciais.

a) *A elite empreendedora* - marca a diferença com outras cidades da mesma dimensão demográfica, porque é ela que estabelece uma relativa autonomia econômica e política numa cidade, criando interesses locais e regionais e competindo em alguns setores de atividades com as grandes cidades e centros metropolitanos;

b) *A localização relativa* - uma cidade média, que é também um lugar central na hierarquia regional, dispõe de expressiva localização relativa, constituindo-se em foco de vias de circulação e efetivo nó de tráfego, envolvendo pessoas, capitais, informações, mercadorias e serviços, em expressiva quantidade e variedade;

c) *As interações espaciais* – Admite-se que a cidade média apresenta interações espaciais intensas, complexas, multidirecionais e marcadas pela multiescalaridade. Essas interações se realizam em duas escalas espaciais gerais, a escala regional e a escala extra-regional, seja ela nacional ou mundial (CORRÊA, 2007, p.29-30, grifos nossos).

Baseado nestes critérios, Araújo (2016) demonstra que Imperatriz (aqui estudada neste artigo) enquadra-se como uma cidade média. Seu tamanho demográfico de 259.337 mil habitantes em 2020 enquadra-se no patamar populacional mais aceitável pelos estudos. Ela também possui uma elite empreendedora advinda das atividades rurais e de extração vegetal e mineral que, ligado ao processo migratório, foi responsável pela dinamização das atividades econômicas da cidade na década de 1980 e ainda é dominante na atual economia do município. E o terceiro fator, conforme Araújo (2016), refere-se à

situação geográfica favorável de Imperatriz, ou seja, por estar localizada entre a cidade de Belém e Goiânia, interligadas pela Rodovia BR-010, se tornou um importante entreposto comercial.

Desenvolvimento dos serviços de mídia em Imperatriz

Imperatriz está localizada no sudoeste do Estado do Maranhão, fazendo parte da Amazônia Oriental e da chamada Região Tocantina³. A cidade foi fundada no dia 16 de julho de 1852, possui uma área territorial de 1.368,988 km², densidade demográfica de 180,79 hab/km² e uma população de 259.337 mil habitantes⁴, segundo dados do IBGE (2020). Na Hierarquia Urbana é classificada como Capital Regional C, apresentando uma intensa influência tanto no Maranhão quanto nos estados vizinhos (Tocantins e Pará). Segundo Sousa (2015, p. 320), essa influência está ligada “a uma força de comando, criada ao longo dos anos, sobre as atividades econômicas vinculadas ao comércio (atacadista e varejista) e aos serviços, em particular os serviços públicos e privados de educação e saúde”.

Além destes serviços, observamos que os midiáticos, principalmente os ligados ao Jornalismo, também contribuem para reforçar a pujança de Imperatriz na região. Eles começaram a ser desenvolvidos ainda na década de 1930. De acordo com Reis (2018), o primeiro jornal produzido no município foi *O Alicate*, publicado de forma manuscrita em 1932. Em seguida, no ano de 1936, surge o impresso *A Luz* – veículo semanal produzido por políticos e comerciantes locais. Depois surgiram os jornais *O Astro* (1949) e o *Correio do Tocantins* (1964). Trata-se da primeira fase da história da imprensa imperatrizense, caracterizada por uma produção irregular e artesanal (REIS, 2018).

Somente com a construção da rodovia Belém-Brasília/ou BR-010, em 1958, o cenário urbano imperatrizense ganhou novos “ares”. Conforme Sousa (2015), a rodovia exerceu um papel preponderante em relação à atração dos fluxos migratórios para Imperatriz e a porção meridional do estado, o que culminou com um acelerado crescimento demográfico entre as décadas de 1950 a 1980.

³ De acordo com Sousa (2005, p. 177), “não há limites ou recortes institucionais precisos para definir a região de influência de Imperatriz “região Tocantina”. Sabe-se que ela integra o Centro-Sul do Estado do Maranhão, o extremo Norte do Tocantins e o Sul e Sudeste do Pará.

⁴ Informação da base de dados do IBGE sobre as cidades brasileiras. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>.

Como parte desse processo de desenvolvimento, a cidade incrementa a produção local de mídia. A partir da década de 1970 são instaladas as primeiras emissoras de rádio e televisão no município. Em dezembro de 1975 é inaugurada a TV Imperatriz - retransmissora que passava simultaneamente a programação da TV Tupi e TV Globo. E em 1978 surge no município o primeiro veículo radiofônico legalizado. Trata-se da Rádio Imperatriz Sociedade Limitada, fundada pelo empresário e radialista Moacyr Spósito Ribeiro.

Na década de 1980 continuam a surgir emissoras de rádio, TVs e impressos na cidade. É o caso da Tv Karajás (atual Difusora Sul) instalada em 1981, e da primeira rádio em frequência modulada FM: a rádio Mirante FM, implantada em 1986 pelo grupo Mirante de Comunicação. Também nesse momento chega a circular na cidade 49 títulos dos mais diferentes segmentos: culturais, religiosos, estudantis, sindicais, etc (REIS, 2018).

O início da década de 1990 traz novas experiências midiáticas para Imperatriz, sobretudo na internet. Bueno e Batalha (2015) comentam que nessa fase instala-se o primeiro webjornal da cidade - o site do jornal impresso *O Progresso* (www.oprogresso.com). O veículo foi hospedado pela empresa Júpiter Informática, fornecedora de internet mais antiga em atividade do município, durante os anos de 1998 e 2000. As autoras também consideram como investidas de produção de conteúdo na rede, um site mantido pela própria Júpiter Informática com o objetivo de divulgar a cidade, o site colaborativo “Por.com”, e o site criado pela Rádio Terra FM (www.fmterra.com.br) (BUENO; BATALHA, 2015).

Com a chegada dos anos 2000 multiplicam-se os serviços de mídia via web. De acordo com Bueno e Batalha (2015) são criados sites de conteúdo especializado, principalmente voltados para o público religioso; páginas institucionais com produção de notícias, veículos jornalísticos que migraram para a internet, além de plataformas para eventos. Ao todo, as autoras encontraram 18 veículos com algum viés informativo no ambiente digital. Somado a estes, Imperatriz possui 64 blogs ativos, sendo 39 classificados como jornalísticos (BUENO; FONSECA, 2013). De site de notícia comercial, a cidade dispõe em 2020 de dois veículos: o *Imirante* (www.imirante.com), com conteúdo produzido por um único profissional; e o *Imperatriz Online* (<https://imperatriz.online>), com dois profissionais e publicações que priorizam o entretenimento (LIMA, 2020). Abaixo, discorremos sobre os atuais serviços de mídia

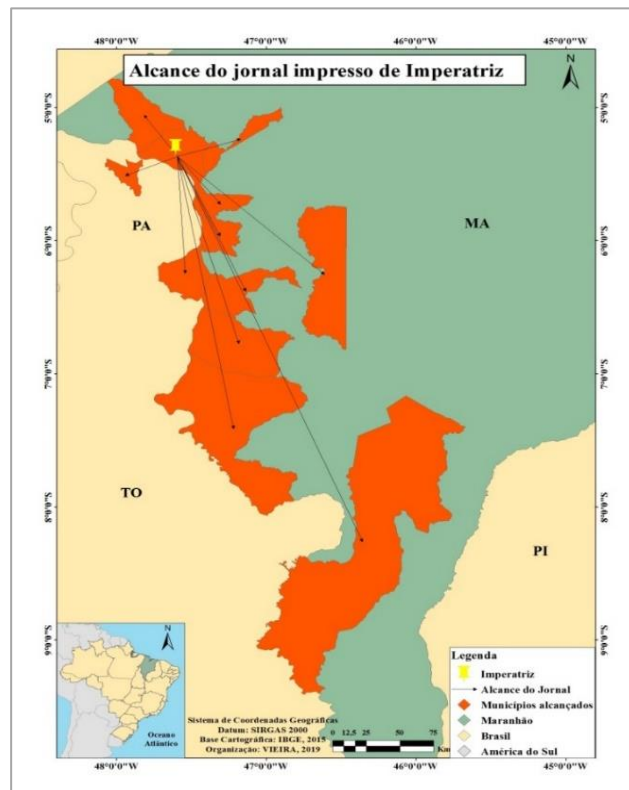
(meios de comunicação impressos e audiovisuais ligados ao jornalismo) de Imperatriz e seus fluxos informativos.

Jornal impresso

Hoje Imperatriz possui somente um jornal impresso - *O Progresso*. Ele circula de terça-feira a domingo com 16 páginas divididas em dois cadernos e oito editorias: Política, Polícia, Cidade, Regional, Esporte, Geral, Justiça e Tocantins. Na edição de final de semana, o impresso chega a possuir 30 páginas devido à presença do suplemento literário Extra e do Caderno de Domingo. A tiragem do impresso, conforme informações no site do veículo, é de 5.300 mil exemplares de terça-feira a sábado.

O jornal *O Progresso* configura-se como uma empresa familiar, administrada por pai e filho: Sergio Antonio Godinho (presidente e proprietário), e Sergio Henrique Godinho (diretor superintendente). A redação do diário possui uma equipe enxuta, composta por um editor-chefe, dois repórteres e uma revisora. Além destes, há três diagramadores responsáveis pela montagem do jornal.

Mapa 1– Rede de fluxos do jornal O Progresso



Fonte: Elaborado pela autora com tratamento gráfico de Camila Vieira (2020)

O Progresso, como próprio slogan sugere (expressão regional), alcança 11 cidades para além de Imperatriz. São oito localidades do Maranhão (Carolina, Porto Franco, João Lisboa, Estreito, Balsas, Governador Edison Lobão, Cidelândia e Ribamar Fiquene) e três do Tocantins (Augustinópolis, Sítio Novo do Tocantins e Tocantinópolis), como pode ser visto no Mapa 1. Os municípios tocaninenses mapeados correspondem a residência de assinantes dos veículos. No entanto, o diretor do veículo nos informou que a circulação é bem mais ampla no estado do Tocantins, visto que há uma venda de jornais feita de forma indireta por motoristas de vans que compram o diário e revendem nas cidades por onde passam.

Convém ressaltar que o jornalismo impresso imperatrizense desde sua constituição na cidade enfrenta forte instabilidade dos produtos. Um exemplo é o jornal *Correio*, que encerrou as atividades no formato impresso em 2019. O veículo, descendente do *Correio Popular*, voltou a circular na cidade em 2016 com uma nova administração e modelo de negócios - a distribuição gratuita do jornal em PDF por WhatsApp. A iniciativa (pioneira no Maranhão e em Imperatriz) era bem aceita pela população e os contatos já chegavam à quinta lista de transmissão quando o jornal deixou de ser divulgado no aplicativo e passou a estar presente somente via website.

Rádios

Quanto às emissoras de rádio, Imperatriz possui oito canais em funcionamento, sendo cinco comerciais, uma educativa e duas comunitárias. São elas: Nativa FM (99,5 MHz), Difusora Sul FM (105,1 MHz), Mirante FM (95,1 MHz), Cidade Esperança (106,9 MHz), Terra FM (100,3 MHz), Líder FM (102,9 MHz), Rádio Açaí FM (106,3 MHz) e Maranhão do Sul FM (87,9 MHz).

A **Rádio Nativa FM** faz parte do Sistema Nativa de Comunicação, composto ainda pela TV Nativa e de propriedade do empresário Raimundo Cabeludo. O sinal da emissora alcança 29 localidades no Maranhão, 23 no Tocantins e quatro no Pará, entre municípios e povoados dos respectivos estados.

A **Rádio Difusora Sul FM** é um dos produtos do Sistema Difusora de Comunicação, uma das principais empresas de mídia maranhense, de propriedade do empresário Edison Lobão Filho. Ela possui uma área de abrangência formada por 14 localidades do Maranhão e 14 do Tocantins.

Outra rádio vinculada a um conglomerado de mídia é a **Mirante FM**. Ela integra o Sistema Mirante de Comunicação, sediado em São Luís e pertencente à família Sarney. O veículo radiofônico possui uma área de cobertura que abrange 61 locais distribuídos nos estados do Maranhão, Tocantins e Pará.

A quarta rádio encontrada no mercado imperatrizense é a **FM Terra**. Com o slogan “a frequência do sucesso”, a emissora se configura como uma empresa familiar, administrada pelos irmãos: João Donizetti, Marcos André e Fausto Divino Fagundes. Possui uma área de abrangência que atinge 38 lugares, 18 no Maranhão, 16 no Tocantins e quatro no Pará.

Somado a este conjunto, temos as rádios com conteúdo voltado ao público cristão. Uma delas é a **Cidade Esperança**, integrante do complexo de comunicação da igreja Assembléia de Deus. Sua área de cobertura abrange 56 cidades e/ou povoados dispostas nos estados do Maranhão, Tocantins e Pará. E a segunda rádio gospel no município é a **Líder FM**. Sua área de cobertura é formada por 23 municípios - 13 do Maranhão e 10 do Tocantins. As duas rádios comunitárias de Imperatriz, **Rádio Açaí e Maranhão do Sul FM**, apresentam uma cobertura restrita ao território municipal.

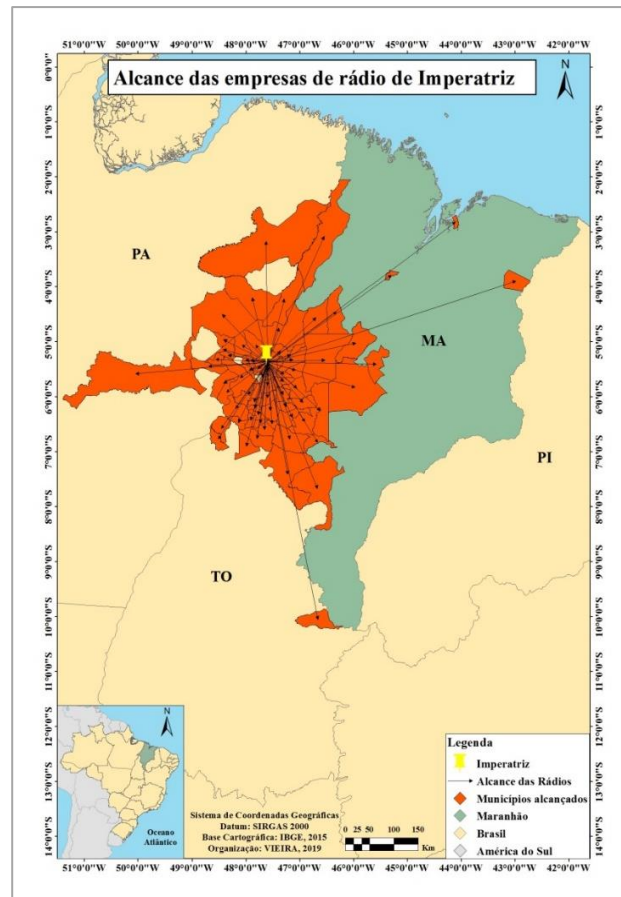
Com base nesses dados, cartografamos uma área radiofônica formada por 70 municípios distribuídos entre Maranhão, Tocantins e Pará que capta as ondas hertzianas de Imperatriz. O cenário está representado no mapa 2. Observa-se que os fluxos estão concentrados no sudoeste e sul maranhense, sendo mais intensos nas cidades da região Metropolitana⁵ sob a influência de Imperatriz. Eles também se irradiam para cidades do centro e leste do estado. Ao mesmo tempo, as ondas hertzianas ultrapassam os limites do Maranhão, chegando a localidades do extremo norte do Tocantins (no Bico do Papagaio) e sudeste do Pará. Tal desempenho faz com que o sinal radiofônico forme uma área de cobertura superior ao impresso e as TVs de Imperatriz, e coloque o rádio como um meio de destaque no quadro regional investigado.

A rede de fluxos radiofônicos apresentada é constituída somente pelo espectro FM. Contexto resultante do processo de migração das emissoras AM para FM (Decreto nº 8.139/13, de 07 de novembro de 2013) que prevê a adaptação das outorgas de 1.781

⁵ A Região Metropolitana do Sudoeste do Maranhense (RMS) foi criada pela Lei Complementar Estadual do Maranhão nº 89, de 17 de novembro de 2005. É formada pelos municípios de Imperatriz, João Lisboa, Senador La Rocque, Buritirana, Davinópolis, Governando Edison Lobão, Montes Altos e Ribamar Fiquene.

rádios brasileiras operando em Amplitude Modulada (AM) para a Frequência Modulada (FM). Em Imperatriz, apenas a rádio Cidade Esperança, dentre as que operavam em AM, funciona em FM. Ela assinou o termo de outorga em 2016 e deu início às transmissões em Frequência Modulada em 2018 (JUNIOR *et al*, 2018). A rádio Mirante AM, até o momento da pesquisa, não havia migrado para FM e estava fora do ar.

Mapa 2 - Rede de fluxos das Rádios de Imperatriz



Fonte: Elaborado pela autora com tratamento gráfico de Camila Vieira (2020)

Um dos efeitos da migração do AM para FM que implicou na cartografia do espectro radiofônico refere-se à redução da área de cobertura das emissoras quando migram para FM. Antes da migração, a Rádio Cidade Esperança cobria mais de 60 localidades. Depois na frequência FM a emissora passou a atingir menos locais, especialmente nos estados do Maranhão e Pará. A partir dessa configuração, podemos inferir que o encolhimento do alcance prejudicou “justamente o público mais dependente do modelo AM: as populações das pequenas cidades, campo, sertões e florestas. Ou seja, mais convergência e menos abrangência” (BERTOLOTTI, 2018, s.p).

Televisão

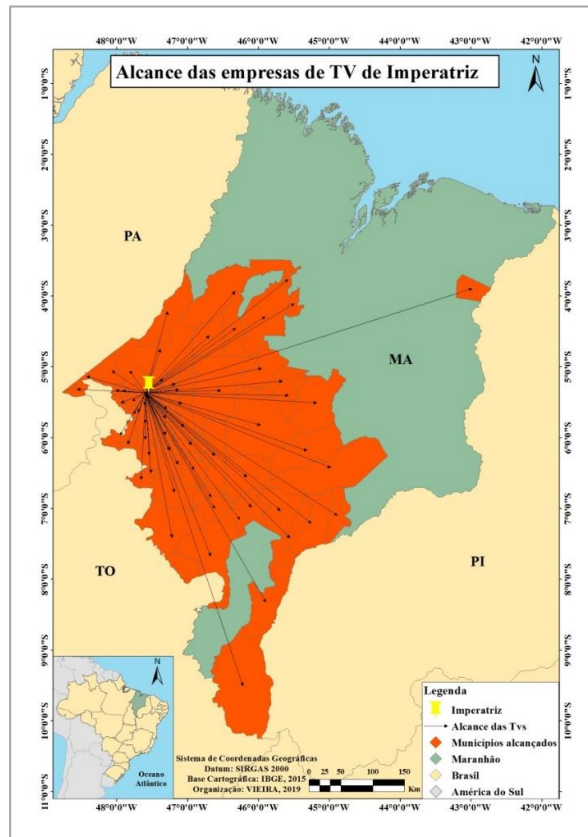
No meio televisivo imperatrizense, algumas emissoras deixaram de funcionar nos últimos anos. É o caso da TV Tocantins, que teve suas atividades interrompidas em 2017, e da TV Capital que saiu do ar em 2018 por não conseguir migrar para o sinal digital. As emissoras ativas e com programação local no momento são: Nativa, canal 13; Difusora Sul, canal 7; Mirante, canal 10; TVI, canal 4.1; e Cidade Esperança, canal 14. Vale destacar que a TV Anajás, retransmissora da Rede Vida, ainda funciona em Imperatriz, mas sem conteúdo produzido na cidade.

A **TV Nativa** é afiliada à Rede Record e é mais um dos produtos de mídia do Sistema Nativa de Comunicação. Ela possui uma área de cobertura formada por 19 municípios (10 no Maranhão e 9 no Tocantins). Na TV Difusora, afiliada ao SBT e integrante do Sistema Difusora de Comunicação, o alcance do sinal é o mesmo da rádio, ou seja, 28 municípios distribuídos entre os estados do Maranhão e Tocantins. A **TV Mirante** de Imperatriz, afiliada à Rede Globo, é uma das quatro emissoras de televisão do Grupo Mirante no Maranhão. O veículo é responsável pela cobertura de 48 municípios do sudoeste do estado.

Lançada no início de 2019, a **TVI** é a mais nova televisão de Imperatriz. Ela foi idealizada por um grupo de empresários da cidade que arrendaram a TV Chico do Rádio, afiliada à Record News, com o objetivo de desenvolver uma programação local. Seu sinal alcança 15 cidades do Maranhão e 16 do Tocantins. A última televisão encontrada é a **Cidade Esperança**. Trata-se de uma das retransmissoras da Rede Boas Novas (RBN) – um dos principais grupos de comunicação evangélica do país. A emissora possui uma área de cobertura restrita ao território do município.

Reunindo todas essas informações, identificamos que 65 cidades recebem o sinal das emissoras de televisão imperatrizenses, conforme mostra o mapa 3. Os fluxos se espalham principalmente para as regiões central, sudoeste e sul do Maranhão, alcançando também algumas cidades ao norte do Tocantins. Vemos, portanto, que o alcance das TVs não é tão expansivo quanto os das rádios pelo fato das afiliadas seguirem o padrão de cobertura dos grupos nacionais, que busca respeitar os limites do estado à qual pertencem. Mesmo assim, o sinal televisivo de Imperatriz ainda adentra alguns locais do território tocaninense.

Mapa 3 - Rede de fluxos das Tvs de Imperatriz



Fonte: Elaborado pela autora com tratamento gráfico de Camila Vieira (2020)

Cabe destacar que os fluxos da TVs de Imperatriz não chegam de forma gratuita para todas as cidades da região. A afiliada da Globo no município, por exemplo, cobra de algumas prefeituras, principalmente das mais afastadas, pelo transmissor que garante a captação do sinal e, conseqüentemente, o acesso a programação local e regional da emissora. Um exemplo dessa prática foi encontrado em Montes Altos, distante a 65 km de Imperatriz, onde a prefeitura paga mensalmente R\$ 2.000 à Tv Mirante pelo equipamento. Elvira Lobato (2016) também se deparou com a mesma situação nas cidades de Esperantinópolis, Poção de Pedras, Itapecuru-Mirim e Anajatuba no Maranhão. Segundo a jornalista, a prática de cobrança pela programação regional é adotada também pela TV Difusora (afiliada do SBT) e pela TV Cidade (afiliada Record). “A prefeitura de Esperantinópolis pagava mensalmente R\$ 6 mil à TV Cidade e R\$ 4 mil à Mirante, em 2015” (LOBATO, 2016, s/p).

Considerações

Os fluxos informativos apresentados sustentam a condição regional do jornalismo praticado em Imperatriz por formarem uma área de alcance que ultrapassa os limites do município e do próprio estado. Eles se espalham especialmente pelas regiões central, sudoeste e sul do Maranhão, extremo norte do Tocantins (na chamada região do Bico do Papagaio) e sudeste do Pará.

Percebemos ainda que os fluxos de informação reafirmam a condição de cidade média de Imperatriz por possibilitarem interações e articulações espaciais da cidade em escalas regionais. Segundo Corrêa (2017) são as relações espaciais, envolvendo a circulação de mercadorias, informações, valores, pessoas e poder, que efetivam a inserção de uma cidade na rede urbana.

Outro aspecto a ser considerado é que os serviços de mídia ajudam a mobilizar o setor terciário de Imperatriz, que, por sua vez, é o responsável pela força de comando regional da cidade (Sousa, 2015). Neste sentido, os fluxos de informação mapeados da cidade desempenham um importante papel em relação ao seu entorno, especialmente para as populações de localidades rurais e pequenas, que não possuem produção noticiosa local.

Referências

AMORIM FILHO, O. B.; SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (Orgs.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. O desempenho das cidades médias no crescimento populacional. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

_____; LODDER, C. **Sistema urbano e cidades médias no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1979.

ARAÚJO, Mayara Mychella Sena; MOURA, Mayara; DIAS, Patricia Chame. Cidades Médias: uma categoria em discussão. In: PEREIRA; Rafael Henrique Moraes; FURTADO, Bernardo Alves. **Dinâmica urbano-regional: rede urbana e suas interfaces**. Brasília, Ipea, 2011.

ARAÚJO, José Alencar Viana. **A região de Influência de Imperatriz-MA: Estudo da polarização de uma capital regional, destacando a regionalização dos serviços públicos de saúde**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

BERTOLOTTO, Rodrigo. **País sem sintonia**: depois de integrar o Brasil por décadas, o rádio vive mudanças que podem provocar o efeito contrário. UOL, 2018. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/radio/#pais-sem-sintonia>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

BRANCO, M. L. G. C. Algumas considerações sobre a identificação de cidades médias. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

BUENO, Thaísa; BATALHA, Sara. **Plugado na rede**: levantamento apresenta os primórdios da mídia de Imperatriz na internet. In: Anais do 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015, p. 1-12.

_____, FONSECA, Jordana. **Blogando das barracas do Rio Tocantins**: uma proposta de mapeamento da blogosfera imperatrizense. 4º Simpósio de Ciberjornalismo. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 28 a 30 de agosto de 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In SPOSITO, M.E.B (Org.). **Cidades Médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. **Cidades Médias e Rede Urbana**. In: SILVA, William Ribeiro da Silva; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Perspectivas da Urbanização: Reestruturação urbana e das cidades. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

JUNIOR, Carlos B.A.S *et al.* Sob nova frequência: notas sobre a migração das rádios AM para FM no Maranhão. In: PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia R. (org). **Migração do rádio AM para o FM**. Florianópolis: Insular, 2018.

LOBATO, Elvira. **TVs na Amazônia**: Reportagem especial. Agência pública. São Paulo: 2016. Disponível em: <https://apublica.org/tvsdaamazonia/>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

REIS, Thays Assunção. **História da Imprensa em Imperatriz (1930-2010)**. São Luís: EDUFMA, 2018.

SANTOS, Milton. **A Urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SOARES, B. R.; MELO, N. A. Cidades Médias e Pequenas: Reflexões sobre os Desafios no Estudo dessas Realidades Socioespaciais. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Orgs.) **Cidades Médias e Pequenas**: Teorias, Conceitos e Estudos de Caso. Salvador: SEI, 2010. p. 229-247

SOUSA, Jailson de Macedo. **Enredos da dinâmica urbano-regional sulmaranhense**: reflexões a partir da centralidade econômica de Açailândia, Balsas e Imperatriz. 558 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.